



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

### A FORMAÇÃO E O MODELO DRAMÁTICO DA NARRATIVA EM *EMÍLIO DE ROUSSEAU*

Daniela Silva Pires\*\*  
(UESB)

Lucia Ricotta Vilela Pinto\*\*  
(UESB)

#### RESUMO

Objetiva-se nesta comunicação desenvolver algumas questões referentes ao romance **Emílio ou da Educação**, de Jean-Jacques Rousseau, texto de 1762. O “modelo dramático-espetacular” que Rousseau assume na narrativa, como expressa Salinas Fortes, é um mecanismo de acesso ao discurso humanístico, através da “teatralização da vida e da ação”. No quarto livro do **Emílio**, identificamos o modo como, para Rousseau, deve se produzir no homem o sentimento de sua existência e dos laços que o ligam à alteridade. Rousseau, que espera explicitamente o julgamento de seu leitor sobre o desenrolar da trama, tenta traduzir seu raciocínio através do drama. Os contornos dessa narrativa dramática e o modo como ela é transmitida para o leitor são aspectos com os quais tentamos dialogar neste texto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Humanismo; Representação; Formação.

---

\* Graduada do curso de Letras da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Agência financiadora: UESB. E-mail: daniela\_spirez@hotmail.com.

\*\*Doutora. Docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Agência financiadora: UESB. E-mail: luciaricotta@hotmail.com.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

### INTRODUÇÃO

Rousseau espera uma humanidade mais justa, uma sociedade de homens virtuosos marcada pela igualdade. A narrativa do romance **Emílio ou da educação**, de 1762, norteia as questões sobre educação desenvolvidas por Rousseau, no entanto as peculiaridades que circundam a leitura desta obra nos conduzem diretamente aos seus conflitos enquanto enunciador desta narrativa. Basta saber que Rousseau foi condenado pelo parlamento francês e o romance foi queimado<sup>17</sup>.

Ao longo do romance, Rousseau clama pelo entendimento e atenção de seu leitor. No prefácio de **Emílio**, avisa Rousseau ao seu leitor: “No que diz respeito ao que chamaremos a parte sistemática, que aqui não é senão a marcha da natureza, é ela que mais desconcertará o leitor.” (ROUSSEAU, 2004, p. 4). Diz Rousseau ainda: “Acreditaram estar lendo menos um tratado de educação do que os devaneios de um visionário sobre a educação”. As alusões que ele faz ao possível leitor de seu texto revelam um pouco da estrutura de seu raciocínio. O leitor sentir-se-á desconcertado com o desenvolvimento da narrativa. Ele nos alerta para a constituição de seu personagem e do método a partir do qual construirá a sua narrativa, ao mesmo tempo em que nos chama a atenção para as especificidades da educação que ele quer propor.

Rousseau parece querer revelar a literatura como o mecanismo de acesso do leitor às suas idéias, a figuração literária, nesse sentido, é um meio de revelar o próprio método natural a que sua idéia de formação se submete. No entanto, é importante atentar para a crítica ao saber filosófico e à literatura que Rousseau está fazendo, pois, segundo ele, eles “tendem muito mais a destruir do que a edificar” (ROUSSEAU, 2004, p 4). Para Rousseau, o saber de seu século não serve para formar

---

17 ROUSSEAU, Jean-Jacques. Carta a Beaumont (1762). In ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Carta a Christophe de Beaumont e Outros Escritos Sobre a Religião e a Moral**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

os homens, os textos têm mera utilidade pública. Diante disto, a proposta de Rousseau é justamente dar conta de “edificar” um saber sobre os homens que os preserve da “destruição” do seu ser. Esse saber está contido na natureza, ou, na formação natural, que toma a natureza como espécie de ideal formal da educação.

As leituras empreendidas por nós do texto de Luís Roberto Salinas Fortes, *Paradoxo do Espetáculo: política e poética em Rousseau (1997)* nos orientaram para a compreensão do conceito de representação na linguagem poética de Rousseau. Fortes aponta para a “teatralização da vida e da ação”, na representação do Emílio, além de revelar a estrutura paradoxal em que se encontra a representação na obra de Rousseau. Pois, ao mesmo tempo em que Rousseau critica o teatro enquanto gênero estético, ele pensa a condição social enquanto teatro. No **Emílio**, ele lança mão da representação para pensar um homem verdadeiro e virtuoso por natureza. Fortes cita, em sua introdução, um trecho do **Emílio** que representa bem sua leitura de Rousseau. Vejamos a passagem do romance destacada por ele:

Mas que se represente um jovem educado segundo minhas máximas. Que se figure meu Emílio, ao qual dezoito anos de cuidados assíduos não tiveram por objeto mais do que conservar um juízo íntegro e um coração sadio; que seja figurado no levantar do pano, lançado pela primeira vez os olhos sobre a cena do mundo; ou antes colocado atrás do teatro, vendo os atores pegar e colocar suas roupas e contando as cordas e polias cujo grosseiro prestígio ilude os olhos dos espectadores (ROUSSSEAU, 1969, p. 532).

Rousseau teatraliza uma formação, a qual julga ser natural e conforme à ordem do universo. Para isso, cria Emílio, para persuadir os homens de que suas sociedades são artificiais e corrompidas e que por trás de cada indivíduo, de cada máscara, existe uma forma de ser da natureza convergente com a ordem divina. Mas que só através de uma formação que conduza o homem à preservação desta natureza é que se podem ter homens transparentes, cuja boa formação é ordenada para os



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

princípios da natureza, princípios estes que lhes confere, na cena do mundo, as qualidades de sua essência originária.

O romance permite a Rousseau a possibilidade de desenvolver a sua compreensão da natureza. O “homem natural”, que idealizara no *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade*, de 1754, ao hipotetizar um estado natural da história do homem, estado de pura virtualidade de sentimentos e razão, é talvez um modelo para despertar no **Emílio** o caráter de sua formação. Percebemos na narrativa do romance a necessidade, por parte de Rousseau, de instruir o homem para um conhecimento do mundo que parta das relações humanas. O conhecimento do homem e o amor à espécie são os mecanismos da formação moral do seu personagem.

A voz de Rousseau ecoa ao longo da narrativa, os preceitos da bondade, da virtude e, principalmente, do esclarecimento, que norteiam outros textos de Rousseau, são, no **Emílio**, os meios pelos quais ele pinta o seu personagem. Na juventude, idade em que nos atemos, neste texto, é revelada a moralidade e a razão; cada passo em direção a elas conduz esse personagem à descoberta da dimensão do sentimento o qual supõe a entrada do Outro.

Ao longo do quarto livro seguem os ensinamentos mais importantes que seu autor considera necessários ao homem. A religião surge nos ensinamentos de Emílio do seguinte modo: Rousseau conta a história a partir de um jovem, ex-calvinista, que era fugitivo no mundo e encontrou ajuda na pessoa de um vigário italiano. Esta passagem do romance é reveladora para a investigação da formação e do espetáculo, na trama discursiva que envolve a narrativa. Rousseau usa aspas e conta a história, narrando o que houvera passado com ele mesmo.

Nessa passagem, Rousseau logo abandona a terceira pessoa e passa a nos contar a sua própria história de vida, ele é o fugitivo. Este impressionante trecho vale ser recontado aqui:



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

Estou cansado de falar na terceira pessoa; trata-se, além disso, de um trabalho inútil, pois percebeis, caro concidadão, que esse infeliz fugitivo sou eu mesmo; creio-me bastante longe das desordens de minha juventude para ousar confessá-las, e a mão que me tirou delas bem merece que, à custa de um pouco de vergonha, eu preste pelo menos uma pequena homenagem aos seus favores. (ROUSSEAU, 2004, p. 369-370).

Esta revelação de Rousseau, em pleno texto, pode nos indicar um pouco do caráter de sua literatura. E, igualmente, o modo como a dramatização é composta no interior da narrativa. Este vigário que salva o fugitivo Rousseau é parte essencial da sua própria formação. Regulado pela bondade com a qual o vigário saboiano o orienta para a vida, em seu discurso, o empreendimento de formar neste romance vai se constituindo. Nesse sentido, a literatura rousseauiana permite a proximidade do leitor com a obra de diversas formas. Personagem dele mesmo, ele encena sua própria formação. O projeto de Rousseau se concretiza quando, no **Emílio**, constrói a sua educação fundamentada no conhecimento de si e das profundas relações que envolvem o homem e a natureza.

Se a modernidade filosófica do projeto iluminista clama por uma existência autônoma da individualidade e da subjetividade do homem, Rousseau exige antes que os homens se amem. Que eles se vejam para além das máscaras, ele espera uma educação em que o homem se auto-represente numa espécie de “cena originária” antes de adquirir qualquer conhecimento, seja ele teológico, filosófico ou metafísico.

Através da criação literária cada personagem que surge na trama é envolvida na formação de Emílio. Primeiro o vigário, no quarto livro e, depois a personagem Sofia, futura esposa de Emílio, no quinto livro. Ambos estão envolvidos no processo de formação moral do menino. O leitor, enquanto espectador da cena narrativa é envolvido na trama, através da recepção do modelo de formação desenvolvido e



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

particularizado na figura dos personagens. É como se o leitor, ao vislumbrar a cenas propostas no romance fosse se formando ao longo da narrativa.

Pensar a formação envolve destacar a carga semântica do romance, enquanto gênero literário, e a formação no romance, enquanto reflexão filosófica sobre a educação. A formação como um mecanismo para pensar a possibilidade formal e ideal, de homens melhores e conseqüentemente de sociedades melhores. Segue um trecho do primeiro livro do **Emílio**: “Um pai, quando gera e sustenta filhos, só realiza com isso um terço de sua tarefa. Ele deve homens à sua espécie, deve à sociedade homens sociáveis, deve cidadãos ao Estado” (ROUSSEAU, 2004, p. 27).

Esta longa obra que compreende a vida humana do nascimento até a fase adulta surge, nesses aspectos, como monumento contra o saber filosófico de sua época, que Rousseau edifica. Jean-Jacques diz não ao saber artificial dos filósofos e sim à natureza de cada indivíduo, sim ao saber desenvolvido na constituição natural da formação do ser. A postura de Rousseau parece ser a de rever o discurso que se quer filosófico, já que, para ele, a filosofia de seu tempo nada tem a edificar.

O romance transparece, como já foi dito, o método com o qual Rousseau desenvolveu a sua compreensão sobre a educação. O artifício literário, no **Emílio**, se faz como forma de tornar sensível à alteridade os laços que a obra rousseauiana cria com o pensamento humanístico. Rousseau formaliza e sustenta os laços com a natureza, que ainda conduzem a homem em sua cultura, e ainda, refaz o sentido que a formação tem na organização social. O romance produz um homem para o mundo, guiado pelo sentimento de sua existência ele é lançado ao espetáculo da vida. Rousseau não apenas formaliza um modelo de educação, ele procura e explicita os laços que o homem deve ter com a dinâmica do mundo.

Guiado pela razão absoluta e divina, fruto de toda bondade que é natural ao homem, Emílio deve ordena-se e equilibrar-se no mundo. A “religião natural” proclamada por Rousseau, na voz do vigário saboiano, é a ordem que este autor vê no



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

mundo. Esta ordem ocupa um lugar epistemológico, diz Fortes, pois é fruto de todo raciocínio. Seguir este espírito ordenador, esta perfeição que é a natureza divina é o meio pelo o qual Emílio deve regular-se.

É como se através da experiência que é a vida, o homem pudesse capturar no caos do todo, mecanismos formais de ordenação, estes mecanismos podem ser pensados como um modelo, em que só caberia ao indivíduo se reconhecer, para apreender a ordem da vida. A apreensão desta ordem implica a formação natural enquanto veículo de acesso a esta condição do homem. Cito Fortes:

O único conhecimento de que somos capazes, em nossa condição finita, o de apreender a natureza como espetáculo formal de uma ordem de coisas. E o que nos cabe é mimetizar esse espetáculo agindo de acordo com o princípio do melhor e estabelecendo uma relação sistemática entre os termos dispersos que temos diante de nós (FORTES, 1997, p. 80).

A religiosidade que propõe Rousseau, religiosidade sem templos, é o princípio da sua idealização do homem. E é, também, a sentença da condenação deste romance diante do Estado e da igreja. O bispo de Paris condena o **Emílio** e tenta levar Rousseau aos tribunais, acusando-o de deturpador dos princípios cristãos, o vigário que nasce na obra de Rousseau faz com seu público religioso, a igreja católica, o condene<sup>18</sup>. Cito um trecho da fala do Vigário:

Dizem-me que seria preciso uma revelação para ensinar aos homens a maneira como Deus queria ser servido; apontam como prova a diversidade dos cultos bizarros que instituíram e não vêem que esta mesma diversidade vem da fantasia das revelações. Desde que os povos tiveram a idéia de fazer deus falar, cada um o fez falar à sua

---

18ROUSSEAU, Jean-Jacques. Apêndice: Carta Pastoral de Christophe de Beaumont Arcebispo de Paris (1762). In ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Carta a Christophe de Beaumont e Outros Escritos Sobre a Religião e a Moral**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

maneira e fê-lo dizer o que quis. Se só tivessem ouvido o que deus diz ao coração do homem, nunca teria havido mais que uma religião na terra (ROUSSEAU, 2004, p.420).

As implicações da obra formam para nós um todo, uma unidade, sem a qual a obra não somaria tantas especificidades. Das leituras empreendidas ao longo da pesquisa o que é relevante é esta necessidade de releituras do pensamento de Rousseau. As possibilidades despertadas no **Emílio** formam um conjunto de questões relevantes para qualquer leitor das obras de Rousseau.

O aparato crítico que envolve o **Emílio** e, conseqüentemente, o resto da obra de Rousseau importam à história literária, mas também a todas as áreas do conhecimento humanístico. Assim, quando Rousseau interpela seu leitor, ele clama por um entendimento de seu pensamento, que ecoa no desenrolar do romance. Este entendimento parece ir além de concordar ou discordar de seu texto, ele instiga uma reflexão.

Este entendimento, tão necessário para Rousseau, é a sua sentença de liberdade. O pedido para o leitor parece ser um pedido de um julgamento mais justo de seus escritos. Criticado ao longo de sua vida e criticado ao longo da história de seu pensamento, Rousseau espera que um “leitor futuro”, como expressa Bento Prado Jr, em *A Retórica de Rousseau*, ao se deparar com sua obra, esteja apto a perceber a justeza das idéias e assim o redima.

O romance filosófico, o romance de formação de Rousseau, caracteriza uma formação humanística que, como aponta Lévi-Strauss, é o cerne do nascimento da Etnologia. O que se torna mais perceptível no desenrolar das leituras dos textos rousseauianos é que, na sua idealização da origem da sociedade e das implicações deste fato, existe um raciocínio muito complexo que quer emergir em plena coexistência com as contradições de sua conjuntura. A necessidade de expressar-se





ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

para o público futuro e esperar dele o seu julgamento, comprova os conflitos produzidos em torno do modo como Rousseau desenvolve seus escritos.

A força das palavras e a permissão que quer o escritor para revelar seu raciocínio tornam sensível a sua necessidade de expressão. Ele planeja uma educação humanista a qual o leitor é responsável por tornar relevante para si a processo das idéias expostas ou simplesmente ignorar.

O pensamento sobre a alteridade não é, então, apenas o princípio moral do **Emílio**, mas a necessidade que a literatura de Rousseau tem de seu leitor. Para ele, é essencial que o leitor leia e julgue seu texto. Fica claro ao longo da narrativa do Emílio, então, que a sua estrutura dramática, parte do desejo de persuadir este Outro que é o leitor, interpelado ao longo da obra e identificado, principalmente, como o responsável pela constituição de um saber sobre este projeto de educação que é o romance. Na recepção da obra pelo leitor futuro, o próprio Rousseau acredita possível, encontrar a verdade e a relevância de seus escritos. Diante disso é possível hipotetizar a profunda relação entre a formação e o espetáculo em Rousseau. A estética, além de tudo, é responsável por formar.

### REFERÊNCIAS

- LÉVI-STRAUSS, Claude. "Jean-Jacques Rousseau, fundador das ciências do homem".\_In **Antropologia Estrutural Dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993, p. 41-51.
- PRADO JÚNIOR, Bento. *A Retórica de Rousseau e Outros Ensaios*. Organização e apresentação: Franklin de Mattos. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da Educação*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2004.
- \_\_\_\_\_. *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os homens*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Editora Ática, 1989.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

\_\_\_\_\_. Carta a Beaumont (1762). In ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Carta a Christophe de Beaumont e Outros Escritos Sobre a Religião e a Moral**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

\_\_\_\_\_. “Apêndice: Carta Pastoral de Christophe de Beaumont Arcebispo de Paris (1762)”. \_In **Carta a Christophe de Beaumont e Outros Escritos Sobre a Religião e a Moral**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SALINAS FORTES, Luiz Roberto. **Paradoxo do Espetáculo: Política e poética em Rousseau**. São Paulo: Editora Discurso, 1997.